

Ensinar com pesquisa 2010

Projeto: “O uso do cinema no ensino de graduação: a representação do passado em filmes documentais e ficcionais”

Bolsista: Cynthia Liz Yosimoto

Filme

Nelson Pereira dos Santos: Como era gostoso o meu francês (1971)

Gênero: Drama

Origem: Rio de Janeiro, Brasil

Duração: 79 min.

Resumo geral:

Subjugado pelos Tupinambás (abertura a sequência 7)

Francês trai Villegaignon, é jogado ao mar, mas sobrevive. Caminha sem rumo até que é capturado por Tupiniquins e portugueses; é obrigado a lutar ao seu lado contra os Tupinambás. No conflito, os últimos vencem e levam-no a sua aldeia como escravo português – já que o encontraram lutando ao lado dos portugueses. Ao chegar, determina-se que será comido na oitava lua. A índia Seboipepe encarrega-se de acompanhá-lo em suas atividades. Um mercador francês, amigo dos Tupinambás, vem à aldeia e, embora não desminta o fato do francês não ser português, faz um acordo: se ajudasse a extrair mais pau-brasil e pimenta, assim que pudesse o levaria de volta à Europa. O francês cumpre o trato. Nesse ínterim, ajuda na colheita, e prepara-se para a guerra. Alguns meses depois, o mercador retorna, diz que ainda não pode levá-lo. Contudo, o francês troca uma moeda valiosa de Seboipepe por barris de pólvora e os esconde. Em seguida, os dois franceses saem em busca de tesouro nas redondezas; ao encontrarem, brigam até que o francês mata e enterra o mercador. Carregando um barril com o tesouro dentro, enquanto veleja de canoa, Jean avista um barco e pensa em fugir. Vê Seboipepe acenando na praia, vai até lá, tenta levá-la com ele, em vão. O barco que havia avistado some no oceano.

O fazedor de pólvora: guerra (sequência 8 a 11)

Cunhambebe quer pólvora a qualquer custo. Ameaçado, o francês diz que a fará com a ajuda de Tupã. Ao chover, traz os barris, ganhando certo respeito. O chefe quer sua presença na guerra, usando as armas de fogo. Consulta-se o pajé sobre a guerra; em ritual de aparente incorporação, recebe-se a mensagem de que vencerão. Faz-se a guerra, vencem.

Francês devorado, guerra final (sequência 13 a 16)

Cunhambebe anuncia que o francês está pronto para ser devorado. Este pede a Seboipepe que lhe mostre o que deve fazer no momento da festa, do ritual. Ela o faz, em seguida o casal tem relações sexuais. Ao acordar sozinho, o francês pega o tesouro que havia encontrado e tenta fugir, entretanto Seboipepe o captura com arco e flecha. Faz-se o ritual, o francês morre. Há uma guerra final, os Tupinambás vencem.

Personagens

- Francês: traidor de Villegaignon, forte, tenta se adaptar às situações que lhe ocorrem, sem perder, contudo, a oportunidade de virar o jogo a seu favor, quando possível.

- Seboipepe: encara a coletividade tupinambá como prioridade; forte, e ativa. Envolve-se com o francês afetivamente, mas jamais confunde seus sentimentos com o destino previamente definido àquele, pelo chefe. Participa de todos os rituais, exerce papel importante em seu grupo.

- Cunhambebe: chefe dos tupinambás, autoritário e líder. Canaliza as habilidades de guerra do francês a favor do grupo, absorve sua força e conhecimento pela antropofagia. Cumpre a função de proteger seu povo.

- mercador francês: oportunista e ganancioso.

- portugueses: há certo humor e deboche na forma de retratá-los. São tidos como frouxos, e chorões pelos Tupinambás.

Documentos, fatos ou frases históricas:

- carta de Villegaignon a Calvino de 31/03/1557 (00:04:00)
- gravuras retratando rituais antropofágicos (00:04:20)
- características dos franceses aos olhos dos tupinambás (sequência 2 – 00:20:00)
- guerra dos Tupinambás contra Tupiniquins (01:02:06)
- frases na tela, extraídas de documentos:
 - (00:07:09) Abade Thevet
 - (00:16:44) Hans Staden
 - (00:19:00) Padre Anchieta
 - (00:21:52) Pedro de Magalhães de Gandavo
 - (00:27:22) Gabriel Soares de Souza
 - (00:52:40) Jean de Lery
 - (00:59:01) Abade Thevet
 - (01:04:48) Padre Nóbrega
 - (01:19:10) Mem de Sá (governador geral do Brasil, 1557)

Observações:

- na abertura, sobre o Brasil, o narrador diz: “O país é deserto e inculto, não há casas, nem teto, nem quaisquer acomodações de campanha. Ao contrario, há muita gente arisca e selvagem sem nenhuma cortesia nem humanidade, muito diferente de nós em seus costumes e instrução. Sem religião nem conhecimento na honestidade ou na virtude, do justo ou do injusto, verdadeiros animais com figura de homem (...)”. Entretanto, o filme subverte essas afirmações, pois apresenta um mundo indígena organizado, e muito bem regrado a sua maneira.

- ainda na abertura, a narração de Villegaignon é feita em tom de humor, porque parte do que é narrado é subvertido pelas próprias imagens da sequência. No caso aquilo que se quer fazer parecer que é, na carta, e o que realmente é – quando diz “a oportunidade de pecar contra a castidade se encontra afastada” em relação aos homens solteiros, em seguida mostram-se as índias correndo tirando as roupas; e no suposto fim do francês, narra-se que o libertaram, mas que se jogou ao mar, enquanto a imagem mostra que foi jogado.

- na sequência 1, ao fazer o reconhecimento da nacionalidade dos homens brancos em captura, os tupinambás arrancam-lhes a roupa, provocando incômodo, que pode sugerir a aculturação contrária: o normal é estar desnudo, e não vestido.

- durante praticamente todo o filme, coloca-se a antropofagia como algo comum e rotineiro, chocando e provocando incômodo.

- na sequência 5, o francês, ao pedir que Seboipepe narrasse a história de um outro francês que esteve na companhia dos Tupinambás anteriormente, narra junto a história, contudo, falando da perspectiva Tupinambá. Nas imagens vê-se Jean encenando a representação do outro. A imagem subverte a narração, fala-se que o “caraíba” construiu uma cidade de pedra, mas não se vê construção de pedra alguma. Progressivamente, a história narrada se funde com o presente e Jean está falando sobre si na terceira pessoa.

- ainda na sequência 5, quando diz-se que o francês ajudava na colheita, este caminha por uma plantação que parece ser de maconha.

- há a frase (00:19:00) do Padre Anchieta que diz “São como tigres, porque estão mui soberbos com as coisas que lhes dão os franceses; sua natureza é cruel, amiga da guerra e inimiga de toda a paz”; e a frase de Pedro de Magalhães de Gandavo (00:21:52), “Diante do amigo europeu, lamentam a má sorte de seus antepassados que não puderam conhecer um povo tão valoroso e ilustre, possuidor de tantas coisas boas”. Essas frases são subvertidas nas sequências 3 e 7: na primeira os dois franceses se estapeiam porque o mercador mentiu dizendo que Jean era português; e na última, os dois franceses brigam pelo tesouro e Jean acaba matando o mercador.

- nas sequências 9 e 10, a religiosidade dos tupinambás é retratada de maneira respeitosa e real – quando pedem para chover, chove; quando consultam o pajé sobre a guerra, este prevê os resultados corretamente.

- provoca-se uma confusão de identidade no espectador, os índios são os nativos da terra; os estrangeiros são invasores, no entanto possuem costumes e cultura mais comuns a nossa.

- na sequência 14, no ritual de antropofagia do francês, este compactua e entra na lógica da cultura tupinambá ao dispensar a tutela de Seboipepe e dizer em sua própria língua o que diziam os rivais capturados e valentes na hora da morte por mãos inimigas: “depois de minha morte, meus amigos virão para me vingar. Não sobrará nenhum de vocês sobre esta terra”

- o filme trabalha a antropofagia cultural de Oswald de Andrade: Jean absorve o mercador francês (?) e é absorvido pelos tupinambás. Cunhambebe, durante todo o filme encarregou o francês do manuseio das armas de fogo, porém, logo após este ser comido, o chefe é que utiliza os canhões. Como se, por meio da antropofagia, tivesse adquirido o conhecimento do francês.

- ao invés de contar-se uma história oficial do Brasil, contou-se a história dos vencidos, dos tupinambás que mais tarde seriam dizimados. Os índios em algumas sequências estão usando adereços ou estão pintados de verde, amarelo e azul, talvez simbolizando o país (sequência 2, 12, 14 e 15). O qual, no momento de lançamento do filme, estava em ditadura, estaria o diretor contando a história do Brasil vencido, tanto pelos portugueses, quanto pelos militares?

Sugestões para sala de aula:

Sequência 3 (00:21:52) – Acordo com mercador francês:

A sequência 3 começa com a frase de Pedro de Magalhães de Gandavo (00:21:52) que diz: “Diante do amigo europeu, lamentam a má sorte de seus antepassados que não puderam conhecer um povo tão valoroso e ilustre, possuidor de tantas coisas boas”.

Em seguida, segue-se em movimento dinâmico, que acompanha uma das índias dentro da choupana, a qual se dirige ao mercador francês, sentado na rede – na rede ao lado (ângulo reto entre as redes) está Cunhambebe. A índia entra por trás da rede, e deposita uma cesta no chão, em frente ao europeu. Queixa-se ao homem, há outras em volta dele fazendo o mesmo; ao fundo há outras redes com outros indígenas sentados.

A câmera volta-se ao mercador, que consola as mulheres. Monta-se um plano médio do ponto de vista de Cunhambebe, enquanto Seboipepe conta sobre a morte de Tapirucu. A câmera muda, o ponto de vista é agora do mercador que olha o rosto de Seboipepe agachada no chão a lhe contar sobre o “português”, que diz que é francês.

Cunhambebe interrompe, as índias se levantam, a câmera faz um travelling e focaliza em plano de conjunto, a rede do mercador de perfil e a de Cunhambebe de frente, ambos estão de perfil se entreolhando para conversar sobre os negócios. Seboipepe permanece no recinto. Antes de negociar, o mercador pede para ver Jean.

A câmera parte para o ponto de vista de um terceiro indígena, sentado na rede em frente ao mercador, em plano médio; Seboipepe sai para buscar o francês. Começam a falar sobre as mercadorias, em plano americano filma-se o mercador, faz-se um contraplano mostrando a expressão de Cunhambebe ao ouvi-lo, e depois respondendo. Enquanto isso, ao fundo, Seboipepe traz o francês. A câmera distancia-se, até que Jean encontra-se em pé em frente ao mercador, que fica em pé e lhe faz perguntas, plano americano; Cunhambebe permanece sentado ao meio, observando. O mercador diz que é português, o francês começa a xingá-lo e é tirado da choupana à força.

A câmera mostra, através das frestas de uma cerca de madeira, Jean curvando-se à porta da choupana, continuando a insultar o homem. Há então, um movimento dinâmico que o acompanha sair de trás da cerca, a câmera vira-se para o lado oposto desta, focaliza uma espécie de casa de palha e pára. Jean passa por homens que carregam tocos de árvores, e entra na casa; predomina o plano médio.

Agora filma-se Jean de frente, deitado na rede da casa (que só tem paredes laterais), ao fundo passam homens carregando mercadorias. Entre eles, o mercador, o qual traz um machado de presente para o francês, em direção a quem se dirige. Este se levanta, agarra o colarinho do mercador e o insulta, empurrando-o para perto de uma cerca, em movimento dinâmico. Estão brigando no centro da tela, a câmera pára, vão indo para o lado direito (espectador ou da tela?), enquanto uma indígena passa ao lado e vários nativos os observam atrás da cerca, por entre as frestas. A câmera vai fechando progressivamente nos observadores, tirando os franceses de cena, dos quais só se ouve a voz.

Comentário/justificativa:

Os acontecimentos dessa sequência subvertem a frase que a introduz, extraída de documentos históricos que compõe a história oficial.

Sequência 15 (01:18:25) – Guerra final (extermínio dos Tupiniquins):

Logo após o ritual de antropofagia do francês (sequência 14), os Tupinambás saem para a guerra. Saem correndo, em plano de conjunto, ao som de gritos e chocalhos indígenas (o som dos chocalhos vem contínuos da sequência 14 e persistem) com Cunhambebe na frente, segurando dois canhões, um em cada ombro. Ao pararem na linha de ataque, o chefe vira-se de costas para o adversário e em close, grita, atirando com as duas armas ao mesmo tempo. Em montagem paralela com um *flashback*, mostra-se Seboipepe mastigando a carne do francês, em close (o som de fundo das duas cenas se interpenetram). Volta-se a Cunhambebe atirando novamente e gritando. Terminada a guerra, filmam-se os homens Tupinambás em plano americano/médio, com a câmera fazendo um movimento lateral ao som de cantos indígenas. Em seguida, mostra-se a praia e finaliza-se com a frase de Mem de Sá, a qual informa que não sobrou nenhum Tupiniquim vivo.

Comentário/justificativa:

Essa sequência mostra a idéia de antropofagia cultural de Oswald de Andrade, transposta para o cinema. Cunhambebe, após comer o francês, pela primeira e única vez no filme, pega os canhões para lutar, como se tivesse absorvido as habilidades do inimigo que comera. Essa correlação se enfatiza, principalmente, pela montagem paralela que se desenvolve entre Seboipepe que mastiga a carne, e Cunhambebe atirando no adversário.

Seqüências:

Abertura

(00:00:25) – Introdução da história e títulos

01 – (00:07:09) Sobrevive, é capturado por Tupiniquins. Na guerra contra os Tupinambás, vira escravos destes.

02 – (00:16:44) Chegada na aldeia Tupinambá

03 – (00:21:52) Acordo com mercador francês

04 – (00:27:22) Cumprindo o trato, ajuda a extrair pau-brasil

05 – (00:29:57) Ouve a história do grande “caraíba”

06 – (00:36:41) Preparação para a guerra

07 – (00:39:31) Retorno e morte do mercador francês

08 – (00:50:01) Cunhambebe quer pólvora, francês promete fabricar com a ajuda de Tupã

09 – (00:52:40) Tupã se manifesta, francês traz pólvora

10 – (00:58:59) Consulta ao pajé sobre a guerra

11 – (01:02:04) Guerra: Tupinambás contra Tupiniquins

12 – (01:05:02) Chega o momento de comer o Francês

13 – (01:08:19) Tentativa de fuga

14 – (01:15:09) Ritual antropofágico: come-se o francês

15 – (01:18:25) Guerra final (extermínio dos Tupiniquins)